



Oliveira, A. F.; Souza, Júnior, F. Vi de S.; Oliveira, G. M. R. de. Um recorte de variação linguística no Facebook: o falar recifense. In.: *Revista Diálogos (RevDía)*. Dossiê "Como as diversas teorias e concepções de linguagens concebem a questão do sentido". v. 4, n. 2, 2016.
[<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia>]

Um recorte da variação linguística no Facebook

O falar recifense

Alex Feitosa Oliveira¹

Fábio Vieira de Souza Júnior²

Giselle Marques Ramos de Oliveira³

¹ Mestrando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (Ppgel/Ufmt), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Cuiabá. alexfeitosa.uf@gmail.com

² Mestrando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (Ppgel/Ufmt). Cuiabá. fabiovieirajunior@hotmail.com

³ Mestrando vinculado ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem (Ppgel/Ufmt), bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Gisellemarques88@gmail.com



1. INTRODUÇÃO

Este estudo foi apresentado como atividade avaliativa para a disciplina “Teorias e Concepções de Linguagem”, por meio de seminário, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGEL/UFMT). Em nosso trabalho, investigamos as perspectivas teóricas e metodológicas da Sociolinguística, organizando os itens da seguinte maneira: na primeira seção, apresentamos um breve histórico dos estudos linguísticos; na sequência, detalhamos sobre as contribuições da Sociolinguística nas pesquisas brasileiras. E, na última seção, trazemos alguns *posts* da página *Gramática Recifense*, com o intuito de apresentarmos níveis de variações linguísticas possíveis de serem investigados.

A sociolinguística procura investigar a diversidade linguística, a fim de reconhecê-la na sua complexidade. Conforme exemplificaremos mais adiante, as variações se expressam de diferentes maneiras e níveis internos e externos da língua: regional, social, classe, faixa etária, entre outros. Com isso, busca-se revelar a riqueza linguística que perpassa as diversas esferas da comunicação, no caso do nosso objeto, as redes sociais contidas na *internet*, promovendo a difusão de informações.

2. BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

Sabe-se que a linguística, enquanto ciência da linguagem, foi reconhecida em 1916, a partir da obra intitulada *Curso de Linguística Geral*, em que Saussure traz questionamentos e proposições sobre a fala. No estudo acerca da estrutura da língua, o linguista apresenta as dicotomias e, entre elas, a oposição entre língua e fala. Em seus postulados, ele reconhece a fala como um dado social, embora o seu foco esteja centrado no caráter formal da língua.



Já o discípulo de Saussure, Antoine Meillet, concebe a língua como um sistema vinculado à história, cultura e ao social. Esse autor que afirma “Ora, a linguagem é eminentemente social” (MEILLET, 1977 *apud* ALKMIN, 2003). Ainda no século XX, estudiosos como Emile Benveniste, Dell Hymes, Roman Jakobson, Mikhail Bakhtin. Ainda de acordo com Alkmin (2003), a Sociolinguística se beneficia do legado desses autores, de que a investigação da língua vai além da sua imanência, pode-se também investigar a interação entre falantes, manifestada através da fala. As discussões contribuíram, sem dúvida, para a legitimação da *Sociolinguística* em 1964.

Nesse ano, ocorreu o primeiro congresso nos Estados Unidos para tratar sobre temas voltados à Ciência das variações linguística. O principal destaque foi William Labov, que trouxe valiosas contribuições à área “[...] questionando e propondo um novo olhar sobre a estrutura das línguas e especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas” (COELHO et. al., 2010). As mais conhecidas pesquisas de Labov foram em Martha’s Vineyard no estado de Massachussetts em 1960 e em Nova York em 1966. Em ambos os casos, o autor buscava compreender os fenômenos sociais de variação fonológica da fala. (COELHO et. al., 2010).

Os seus trabalhos foram valiosos ao tratar da variação linguística que se firmou como objeto de estudo. Alkmin (2003) concebe a língua como um fato de natureza variável.

Pretendemos tratar, de modo específico, sobre a vertente quantitativa da Sociolinguística. Sendo assim, esse estudo se realizará a partir de contribuições de sociolinguistas brasileiros, entre eles, Bortoni-Ricardo (2004), Mussalim (2004) e Tarallo (2001).

3. CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLINGUÍSTICA: UM RECORTE



Pondo de maneira clara, a vertente quantitativa da Sociolinguística possui como objeto de estudo a língua em uso, ou seja, a língua falada, descrita e analisada em seu contexto social. Em relação ao ponto de partida desses estudos, apoiamo-nos em Mussalin (2004) ao indicar que os estudos variacionistas devem partir de uma *comunidade linguística*, pessoas que interagem através de situações reais em uma determinada língua dotada de normas que regulam o seu uso.

Tratando de uma comunidade de fala específica, tomemos como referência o contexto brasileiro, o português falado em nosso país é, por exemplo, uma língua plural que possui características particulares em cada comunidade de fala. A investigação sociolinguística encontra ressonância em uma realidade múltipla como a que vivemos e merece, sem dúvida, a atenção de estudos que a valorizem.

Os trabalhos de natureza sociolinguística, no cenário brasileiro, foram iniciados por Fernando Tarallo, pesquisador influenciado por William Labov, considerado um dos precursores dessa vertente e que contribuiu para sua formação. Tarallo (2001) adverte que a missão do pesquisador-sociolinguista é analisar as diferentes situações que se apresentam em uma comunidade de fala e, em alguma medida, sistematizar o “caos” linguístico. (TARALLO, 2001).

Os seus trabalhos também revelam a importância de estudos que versem sobre a variação linguística para que possamos ampliar a sua relação com uma possível mudança linguística e, sem dúvida, a influência de fatores não linguísticos como a idade, classe social, sexo/gênero, tempo, espaço geográfico, escolaridade, entre outros (BORSTEL, 2014).

Sendo assim, além da influência de fatores não linguísticos como os apontados, há ainda uma concepção homogênea da língua, seja ela qual for, apresentada pela mídia e difundida em várias esferas de comunicação da sociedade. Em sua obra *A pesquisa sociolinguística*, Tarallo (2001) afirma que a variante padrão ou língua culta relaciona-se ao prestígio social, alcançado em



uma dada sociedade e, em contrapartida, qualquer variante que apresente divergência é considerada não padrão. O sociolinguista brasileiro pondera:

A implantação de uma norma-padrão traz como consequência imediata a unidade de língua nacional. Nesse sentido, você poderá investigar fontes de dados que tenham por objetivo a unificação da língua nacional, por exemplo, os meios de comunicação da massa: a linguagem da *media*. Ao ouvir um programa de rádio, ao assistir um programa de televisão, ou ao ler um jornal, você observará que, apesar de todos os três procurarem refletir a norma-padrão, a presença de traços variáveis da fala se faz sentir. A quarta dimensão em sua análise consistirá, portanto, em verificar até que ponto certos textos da *media* permitem a infiltração de variantes não-padrão. (TARALLO, 2001, p. 58).

É essa a concepção de uma língua nacional que rege considerável parte do que se ensina nos contextos escolares e que é, também, apresentada pela mídia e propagada na sociedade em geral como um modelo a ser seguido. Considerar uma variante da língua em *status* de padrão significa, em outras palavras, desprezar as demais variantes existentes e igualmente importantes. Ao tratar dessa questão específica, Bortoni-Ricardo (2004) afirma:

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34)

Nesse sentido, há sempre o embate entre as variantes linguísticas de uma determinada língua que pode ser observado em qualquer comunidade de fala, como a apontada por nós. Segundo Gnerre (1985), a relação entre a variedade linguística e o valor na sociedade dos seus falantes possui uma relação estreita e reflete, sem nenhuma dúvida, em seu poder diante das relações sociais e econômicas. Entendemos que a partir do exposto, a esfera midiática representa um campo fértil de investigação, já que, permite a expressão de traços variados da fala.



4. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA GRAMÁTICA RECIFENSE

Com 19 mil seguidores na rede social *Facebook*, a gramática recifense foi uma iniciativa do engenheiro de software Leocádio Tiné, que ao se debruçar sobre expressões do falar cotidiano dos recifenses, realiza breves análises fonológicas, morfológicas e sintáticas de modo criativo, publicando-as em *posts*. E embora não o faça seguindo uma metodologia rígida dos estudos linguísticos, muito se aproxima da percepção dos estudos da Sociolinguística.

As publicações da Gramática Recifense, veiculadas no *Facebook*, tornam-se objetos passíveis de pesquisa, uma vez que estaremos tratando da variação linguística de um falar típico do português brasileiro: o dialeto falado na região metropolitana do Recife e nas mesorregiões da Mata Pernambucana.

No caso do nosso objeto de apreciação, apresentaremos alguns dos posts publicados na página virtual em que são observados os fenômenos variáveis. Ressaltando que a breve análise se dá em um contexto da variação externa diatópica, também conhecida por *regional* ou *geográfica*, que se refere à origem de uma pessoa através do modo como ela fala (COELHO et al., 2010).

No âmbito da Sociolinguística variacionista, a língua é dotada de *heterogeneidade sistemática*, compreendendo as suas mudanças no contexto social da comunidade de fala. De acordo com Coelho et al. (2010) por meio de estudos sociolinguísticos, pode-se investigar níveis de variação nos dialetos das comunidades, tais como a fonológica, a lexical, a morfofonológica, a morfológica, a morfossintática, além da investigação da variação discursiva.

Entre os elementos linguísticos fonéticos presentes nesse típico falar da região Nordeste, encontra-se o chiado, marcado pelos fonemas /s/ e /z/ pronunciados em coda silábica, soam /ʃ/ e /ʒ/; desse modo, a pronúncia é marcada, como se o “s” ou “z” fossem dobrados, como em “possto” e “aprendizz”, registrados foneticamente como /posto/ e /aprendiz/. Além disso, tem-se a não palatalização dos fonemas /d/ e /t/ antes de semivogal /i/, ou seja, pronuncia-se



“genti” ao invés de “gentchi”, essa última é comum em outras variantes do português brasileiro (DA HORA; VOGLEY, 2013)

Ademais, estudos de Rumeu (2009), apontam para outros fenômenos comuns nesse falar típico nordestino, como o emprego de vogais médias baixas em posição pretônica, diferentemente do dialeto da região Sudeste ou ainda do falar gaúcho. Esse evento pode trazer implicações, no que concerne aos processos fonológicos, por exemplo, as palavras melhor e colégio são pronunciadas com o som aberto “mélhór” e “cólegiu”.

Ainda no mesmo nível de análise, outra ocorrência bastante comum pesquisada não só nos dialetos nordestinos, como também em outros falares do português brasileiro é a monotongação, que se trata da junção ou redução de um ditongo em uma vogal: (i) do ditongo /ow/ para /o/: roco (por ‘rouco’), toca (por ‘touca’), cenora (por ‘cenoura’) etc.; (ii) do ditongo /ey/ para /e/: fexe (por ‘feixe’), queijo (por ‘queijo’), minero (por ‘brasileiro’), queijo (por ‘queijo’) etc.; e (iii) do ditongo /ay/ para /a/: caxa (por ‘caixa’) etc.

Trabalhos como o de Toledo (2011), defendido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por exemplo, evidenciam a ocorrência da monotongação de ditongo decrescente /ey/ em amostra de recontato na cidade de Porto Alegre; e, também, de Araújo (2003), da Universidade Estadual do Ceará, revela-nos as variações linguísticas registradas no Atlas Linguístico do Brasil.

Trazemos, então, um post que trata de um registro da linguagem destacado por Tindé, semelhante ao estudo da monotongação. No entanto, difere-se desse último por realizar o inverso, ou seja, ocorre a duplicação da semivogal no final das primeiras sílabas.





Figura 1- Ditongo decrescente inexistente. Fonte: Gramática Recifense.

Na Figura 1, a categoria denominada pelo autor de “ditongo decrescente inexistente”. Podemos perceber que o texto parte de um registro informal e repleto de criatividade, Tindé exemplifica o evento, baseando-se em expressões populares utilizadas pela população recifense. Fala-se, portanto, de uma situação pouco fora do comum: o nascimento de uma criança ocorrido dentro do transporte coletivo.

Justamente por se tratar de um episódio atípico, demonstra toda a desenvoltura do falante ao expressar através do ditongo duplicado /naisceu/ em detrimento de /nasceu/ e também do vocábulo saingue/ ao invés de /sangue/, enfatizando a entonação com o sinal de exclamação, como se o seu interlocutor pudesse experimentar auditivamente a expressão falada.

Além dos elementos verbais, o autor também levanta aspectos ligados à simbologia imagética da cidade do Recife, como pano de fundo das suas explicações. O que se pode observar nessa mesma figura é uma fotografia de uma escultura conhecida por Torre de cristal, do artista plástico Francisco Brennand, que se encontra no Parque das exposições, bem no centro da cidade do Recife.

Essa elaboração é algo habitual levantado em seus *posts*: o autor busca a percepção do seu interlocutor primeiro, o falante recifense, que ao visualizar o



fenômeno apresentado não só o identifica, como também reconhece elementos próprios da cultura dessa comunidade de fala.

Nesse sentido, Fiorin (1997) pondera que uma língua é considerada uma manifestação de uma dada cultura, ao utilizar-se dela como suporte para sua expressão. Assim, a língua e suas variações linguísticas tornam-se espaços de reforço de identidades e permite a construção, mesmo que simbolicamente, de um espaço de reconhecimento.

A respeito do modo de apresentação do *post*, Tindé busca o recurso de explicação para o evento linguístico, recorrendo ao formato clássico de definição de conceitos, muito comum nas definições que se encontram nas gramáticas normativas. Ele procura compreender o(s) significado(s) da ocorrência com a intenção de explicitá-la a seu interlocutor tal qual se apresentam verbetes no dicionários em língua vernácula.

Outra peculiaridade linguística percebida por Tindé e que ainda é trazida nessa mesma publicação, é um dos sentidos expressados pelo verbo “pense”. De acordo com o autor, esse verbo é usado intencionalmente pelo falante recifense para enfatizar um determinado acontecimento. Como visualizamos mais acima, em “Pense num sâingue!”, o falante evoca uma das acepções do verbo “pensar”, quando solicita a seu interlocutor que reflita e projete em sua imaginação o evento sucedido dentro do ônibus e, ainda, como parte integrante da entonação do vocábulo pontua o sinal de exclamação, conferindo-lhe sentido completo.

Em outro *post*, o autor traz essa variação de sentido para o verbo “pensar”, especificando o uso da palavra em outro contexto de fala, aplicando-a em uma expressão do uso corrente desse linguajar e, ainda, utiliza o mesmo recurso de identidade cultural, por parte do falante e conhecedor da cidade, impresso tanto na linguagem verbal, quanto na não verbal.

A figura 2 nos permite perceber esse fenômeno.





Figura 2- Verbo reflexivo de intensidade. Fonte: Gramática Recifense.

A cidade do Recife pode ser visualizada na fotografia ao fundo da figura, que traz uma panorâmica aérea, possibilitando a visão de pontes, prédios e, também, o encontro do rio Capibaribe com o mar. Para expressar as belezas da cidade, Tindé complementa o sentido do uso do verbo com o do exemplo “Pense numa cidade rocheda!”. A intensidade do “pense” também é verificada com o uso do adjetivo “rocheda”, que normalmente é utilizado para afirmar que algo ou alguém é muito interessante. Nesse contexto, Tindé o utiliza para qualificar o substantivo “cidade”, reafirmar o orgulho de sua cidade e de sua linguagem. Desse modo, faz com que o falante visualize o emprego do vocábulo “pense”, imbricando a linguagem visual à verbal.

Até o momento, tratamos de aspectos analisados no nível fonológico (Figura 1), no lexical (Figura 2) e, agora, caminhamos para uma breve análise de outra publicação veiculada na página *on line* que traz uma reflexão de ordem morfossintática.

Na Figura 3, verificamos o fenômeno “Objeto que se repete direto”, por meio do qual o falante anuncia o complemento do verbo na sentença: “Rapai, hoje vi Mário [...]”. “Mário” trata-se do objeto direto e, após ser pronunciado três vezes





pelo falante, espera-se que o seu interlocutor reconheça de quem está se falando em “Mário, tá ligado, Mário?”



Figura 3 – Objeto que se repete direto. Fonte: Gramática Recifense.

Interessa-nos, também, perceber que antes mesmo da apresentação do conceito de “Objeto que se repete direto”, Tindé traz uma classificação entre parênteses “(sub/ cid vale a)”, deslocada de seu lugar de origem, uma vez que se refere ao trajeto realizado pelo transporte coletivo: segue do subúrbio ao centro da cidade do Recife. E para se ter acesso ao transporte, o passageiro usa o “vale A”. Mais uma vez, o autor projeta a imagem do centro da cidade ao fundo, aliando-a ao conceito apresentado e, também, a linguagem informal em uso, é como se o interlocutor pudesse visualizar dois falantes dentro do ônibus em diálogo.

Nesse estudo, buscamos apresentar aspectos gerais dos níveis de variação linguística presentes nos *posts* da *fanpage* Gramática Recifense. Durante o levantamento de estudos sobre o falar recifense, verificamos que não há trabalhos que versem sobre as peculiaridades observadas, fato que evidencia a relevância da página como objeto a ser pesquisado no âmbito da Sociolinguística.





5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que ao reconhecer as variações do falar recifense, Leocádio Tindé, o autor responsável pela administração da página, não só faz uma catalogação das expressões cotidianas, que compreendem a linguagem informal como também as registra social, situadas socio-historicamente, uma vez que a linguagem é dinâmica e, com o passar do tempo, pode assumir outras formas. O próprio Leocádio Tiné⁴ afirmou em entrevista recente “Se a língua falada não ficar registrada, se perde como o tempo, com a própria evolução da Língua Portuguesa.”.

Através da rede social *Facebook*, vários usuários podem ter acesso às expressões do dialeto, podendo compartilhar opiniões. O autor da página interage com seus seguidores por meio das ferramentas “curtir” e “compartilhar”, com números consideráveis de usuários que a acompanham. Tindé, busca, inclusive, sugestões do seu auditório, atitude comumente disseminada entre usuários administradores de perfis *on line* que trazem publicações humorísticas.

Nesse sentido, a gramática recifense além de provocar o riso, também proporciona a reflexão por parte dos falantes do dialeto e o conhecimento dos fenômenos cotidianos por outros falantes que ainda não os conhecem e, ainda, arremata a costura do tecido da linguagem, registrando as particularidades do falar urbano recifense na história, promovendo a sua visibilidade.

⁴ Em entrevista concedida ao Diário de Pernambuco, em 19 de abril de 2015. Disponível em: <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/viver/2015/04/19/internas_viver,572142/como-a-internet-fortalece-o-pernambucos-e-desarma-o-preconceito.shtml>. Acesso em: 25 ago. 2016.



REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Norma lingüística**. Edições Loyola, São Paulo, 2001.
- BAKHTIN, M. M. /VOLOCHINOV, V. N (1929) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolingüística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- COELHO et al.- **Sociolingüística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. Disponível em:
http://ppglin.posgrad.ufsc.br/files/2013/04/Sociolingu%C3%ADstica_UFSC.pdf.
Acesso em: 24 ago. 2016.
- DA HORA, D.; VOGELY, A. Harmonia vocálica no dialeto recifense. **Organon**, Porto Alegre, v. 28, n. 54, p. 63-81, jan./jun. 2013.
- FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1997.
- GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, Vol. 1, 4.ed. São Paulo: Cortez, 2004.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 2001.

Aprovado em 21 de dezembro de 2016

